

ANÁLISE DE SINAIS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO: HISTÓRIA E CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA

Antônio Carlos Cardoso ¹
José Arnor de Lima Júnior ²

RESUMO

A fim de se referir aos espaços utilizados no contexto da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), os surdos fazem uso de diversos sinais, dentre os quais, por exemplo, os referentes ao Centro de Educação (CE), ao Departamento de Psicologia, Inclusão e Educação (DPSIE), o Centro de Estudos Inclusivos (CEI), o Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH) e a Pró-reitoria de Extensão e Cultura (PROEXc). Considerando isso, este trabalho visa discutir, à luz dos estudos bakhtinianos e dos Estudos Surdos, como se deu a escolha desse sinais e a motivação subjacente. Para além disso, objetiva compreender a constituição identitária da comunidade surda local, em consonância com as decisões lexicais – a levar em conta que a opção por determinado vocábulo é um importante elemento estilístico na construção do discurso. Metodologicamente, esta investigação faz uso dos pressupostos da Linguística Aplicada, com vistas a reunir áreas distintas e problematizar os construtos de pesquisa. Caracterizando-se por um estudo de natureza interpretativista e abordagem qualitativa, foram fotografados os sinais concernentes aos espaços previamente aludidos, imagens as quais compõem o *corpus*. Nesse contexto, a análise empreendida desvelou um uso vocabular singular, à medida em que um mesmo parâmetro fonético-fonológico serve de base à designação comum desses lugares. Esse elemento, diferentemente dos demais aplicados em outros *campi*, simplifica a conversação espontânea, haja vista instituir um padrão de referência comum.

Palavras-chave: Sinais, Libras, Comunidade Surda, Linguística Aplicada, Identidade.

INTRODUÇÃO

Os sinais com que os surdos fazem referências ao mundo circundante possuem um fator social e afetivo. Dessa maneira, como é sabido, a escolha por um ou outro signo linguístico carrega uma intenção comunicativa, isto é, um propósito subjacente. Assim sendo, pode-se dizer que a língua de sinais – a Libras, no caso brasileiro – comporta-se como um artefato cultural (STROBEL, 2008), uma forma de os grupos expressarem seus posicionamentos axiológicos sobre o mundo. O ato de nomear demarca a entrada do sujeito na comunidade surda. A partir do momento em que recebe o sinal de batismo, ganha uma especificidade eminentemente visual; esta, por sua vez, distingue-o dos demais.

Acerca ainda do batismo em Libras, vale ressaltar o papel desse acontecimento, os surdos (e ouvintes que, por porventura, tenham contato com a comunidade), constituem uma

¹ Mestre em Educação e Professor de Libras da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, antoniocardoso@ufpe.br;

² Mestrando em Educação e Professor de Libras da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, josearnor.lima@ufpe.br;

identidade diferente e transitória. A respeito disso, Perlin (2013) explicita como a visualidade impacta diretamente as relações de pertencimento de pessoas surdas. Diferentemente dos ouvintes, cujas perspectivas estão atreladas a dimensões acústicas, o surdo se constitui em meio a uma modalidade visual-especial. Nesse sentido, aprender a sinalizar condiciona uma série de aspectos antes ignorados, quais sejam, o humor, a vida esportiva, a fruição (literatura surda, artes visuais), e semelhantes. No encontro entre pares, cria-se um discernimento entre as fronteiras perceptíveis no contrato com o Outro. À medida em que o sujeito conheci a si e àqueles ao seu redor, vislumbra como pode, também, fortalecer a própria identidade e criar conhecimento.

Nessa circunstância apresentada, a universidade se torna, especialmente, um campo propício para o contato entre pessoas surdas. Devido ao decreto da Libras (BRASIL, 2005), houve a necessidade de abertura de vagas de graduação para formação de professores e intérpretes. Assim, uma ascensão acadêmica notável se mostrou nessa mudança estrutural e sistêmica – agora, o movimento surdos era capaz de estabelecer laços duradouros e compartilhar, afinal, pautas comuns.

Um fenômeno interessante que se percebe é a criação de sinais. Essa produção, longe de ser uma mera cerimônia com vistas a referir a um objeto da realidade, torna-se, ela mesmo, algo de problematização. Fundamentalmente, isso se dá porque os sinais desvelam os credos dos sujeitos, os posicionamentos sobre o mundo e, inclusive, as posições políticas. Sobretudo ao compreenderem acerca do conflito de interesses, as resoluções reverberam um conceito circunscrito ideologicamente. Na visão bakhtiniana, diz-se que o signo não é neutro (BAKHTIN, 2011), e sim revestido de sentido. Na voz entoada pelo enunciador, a palavra é colorida; seus tons denunciam a atuação do sujeito sobre o mundo.

Em decorrência desses pontos já elencados, este artigo objetiva refletir sobre a construção identitária por meio da criação de sinais da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Tal lócus investigativo é o espaço mais adequado a essa análise. A compreensão desse processo ancorada em referencial pertinente traz à tona redes de sentido e embates dialógicos. Esse debate insere-se na linguística aplicada, área de vertente inter-transdisciplinar, a qual permite o entrecruzamento de diferentes referenciais para questionar o *corpus* elegido.

METODOLOGIA

Metodologicamente, esta investigação faz uso dos pressupostos da Linguística Aplicada, com vistas a reunir áreas distintas e problematizar os construtos de pesquisa.

Caracterizando-se por um estudo de natureza interpretativista e abordagem qualitativa, este trabalho está amparado no projeto de extensão “Destruir muros e construir pontes: disseminando a Libras na UFPE”. Tal ação foi planejada por Antônio Carlos Cardoso, idealizador do programa e criador dos sinais investigados, com foco na difusão da língua de sinais para maior conscientização da comunidade externa. Dentre os vários focos dessa iniciativa, figura a análise dos sinais utilizados para designar lugares, espaços e membros pertencentes ao meio universitário.

Desde a sua entrada, de início como professor substituto, o professor Antônio Cardoso elaborou, ele mesmo, os sinais como referência à realidade que lhe era imediata. Apesar disso, essa designação, embora fosse largamente utilizada pelos pares, carecia de sistematização. Em vista disso, o referido projeto de extensão produziu um glossário, reunindo esses usos vocabulares. Membros do projeto, incluindo o pesquisador-participante, dispuseram-se a realizar uma sessão de fotos, as quais demonstravam três elementos, 1) a logomarca da instituição/do espaço em foco; 2) o sinal propriamente dito; e 3) a representação gráfica em escrita de sinais. Ao todo, registraram-se 11 sinais, um diferencial de muitos centros acadêmicos do país – com é sabido, essa percepção ampla do uso discursivo ainda necessita de maior expansão, tanto em lugares pelo país quanto em áreas das mais diversas.

Para composição do *corpus*, elegeram-se critérios, no fito de delimitar os dados que seriam analisados. Procedeu-se da seguinte forma: escolherem-se aqueles que fossem mais recorrentes por parte da comunidade, quais sejam, os sinais de Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Centro de Educação (CE), Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH). Com o prosseguimento dos estudos linguístico-discursivos em torno da temática, espera-se a ampliação do material de estudo.

Tendo selecionado as quatro imagens, elas foram contrastadas com o alicerce teórico pertinente, a saber, os postulados teóricos bakhtinianos. A visão dos autores do chamado Círculo de Bakhtin permitiu a emergência de determinadas categorias, sem fazer uso de opiniões preconcebidas acerca do fenômeno aludido. Sendo assim, pôde-se constituir um panorama sobre as práticas sociais situadas relativas ao ato da nomeação. Isso, logicamente, não ignorou a dimensão linguística, uma vez que esse eixo também foi considerado no escopo de delimitação semântica.

REFERENCIAL TEÓRICO

No que toca à elucidação dos autores mobilizados, este trabalho ancora-se nos escritos de Bauman (2005) e Hall (2006) a respeito da identidade na pós-modernidade; de Strobel (2008), Perlin (2013) e Quadros (2019) sobre a cultura e identidade surdas; e, por fim, na visão de Bakhtin (2011) em torno de sujeito e discurso. Essas diferentes categorias são alvo de um entrecruzamento teórico, por meio dos pressupostos da linguística aplicada (MOITA LOPES, 2006). Em síntese, para esse campo de conhecimento, urge a necessidade de problematizar a epistemologia dos centros acadêmicos pelo globo, enfocando questões de linguagem, sobretudo as pautas relativas a sujeitos que vivem na periferia – aqueles excluídos, dentre os quais se pode mencionar mulheres, negros, surdos etc.

Dito isso, e de maneira a iniciar as discussões, urge um comentário voltado às mudanças estruturais as quais a sociedade têm passado, fenômeno que tem sido chamado pelos sociólogos de pós-modernidade. Esse agrupamento de ideias comuns centra-se no fato de que a maneira como as pessoas viviam não é mais a mesma. Há não muito tempo, as sociedades eram predominantemente agrárias, e as pessoas pouco ou nada mudavam ao longo da vida, permanecendo, em essência, os mesmos. A respeito disso, basta um olhar para a vida de pessoas mais velhas, cuja vida não foi, em geral, confrontada. No entanto, em decorrência do processo de nome globalização, não são poucos aqueles que têm sido digladiado com uma torrente de formas de ver e compreender o mundo. Isso desloca, fundamentalmente, as identidades desses indivíduos, colocando-os em uma posição de fronteira. Nesse âmbito, é sobre esse referencial que os Estudos Culturais têm observado o comportamento de grupo em variadas circunstâncias.

No caso dos surdos, em particular, eles têm sua identidade dividida em dois mundos diametralmente opostos, a realidade surda e a realidade ouvinte. Embora sejam usuários de línguas de sinais, estão constantemente em contato com a língua oral-auditiva do país onde vivem, em geral sob a presença de sua variante gráfica. Assim sendo, criam mecanismos de defesa para manutenção das suas culturas de origem. Um exemplo clássico é a manifestação artística, representada pela literatura e arte surdas. Nesse conflito de interesses, a criação de sinais surge como uma maneira de afirmar determinados posicionamentos axiológicos, isto é, valorações sobre a sociedade circundante. Os estudos bakhtinianos (BAKHTIN, 2011; VOLOCHÍNOV, 2017) fornecem um interessante arcabouço teórico para vislumbrar a potencialidade daqueles em situação de opressão. Embora estejam condicionados a certas imposições – poder-se-ia dizer, forças centrípetas – entoam o seu dizer como uma forma de defesa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme já mencionado anteriormente, esta análise ampara-se nos pressupostos do círculo de Bakhtin, para fins de discussão e problematização. Explicitada essa ancoragem, na imagem a seguir é apresentado o sinal referente à UFPE:

Figura 1 – Sinal de UFPE



Fonte: acervo pessoal

Na constituição discursiva do sinal da figura 1, faz-se uso de uma configuração de mão característica, qual seja, os dedos indicador, médio e anelar em posição vertical. Conforme se distingue, a mão de suporte envolve a mão dominante. A entoação desse sinal desvela um aspecto singular referente à ideologia subjacente. No que alude à motivação icônica da orientação de mão, os três dedos representam os pilares do trabalho universitário, o ensino, a pesquisa e a extensão. Essa circunscrição se projeta em outros léxicos, como se nota a seguir, no sinal associado ao CE:

Figura 2 – Sinal de Centro de Educação



Fonte: acervo pessoal

O Centro de Educação é o local da UFPE em que ocorrem atividades diversas, com foco especial em aspectos de cunho socioeducativo. Essa correlação é estabelecida por uma motivação intrínseca à composição morfológica do sinal, o uso do sinal ENSINAR junto à configuração de mão com os dedos indicador, médio e anelar já aludidos. Na atitude situada de colorir, axiologicamente, o vocábulo, torna-se primário elencar a feição visual mais proeminente. O mesmo se vê com o sinal a seguir do CFCH:

Figura 3 – Sinal de Centro de Filosofia e Ciências Humanas



Fonte: acervo pessoal

Nesse caso, mais uma vez, a configuração de mão dos três dedos se torna uma constante. Seria possível dar continuidade à investigação e trazer, compondo o corpus, as demais imagens registradas. Contudo, a premissa básica se mantém, a de que os usos visuais são motivados e respondem à maneira particular com que os surdos concebem a construção do conhecimento. À guisa de comparação, o pressuposto básico da escrita ouvinte é a associação fonético-fonológica, conforme se observa no lirismo dos poetas nacionais. Da mesma maneira, a morfologia da Libras desvela usos sociais situados, os quais comprovam a ideia de que os códigos convencionados afirmam questões de poder nos embates dialógicos.

Particularmente, a manutenção de um morfema é a estratégia discursiva mobilizada para afirmação de uma característica proeminente, e isso se faz pelo estabelecimento de uma relação entre vários signos. Nesse contexto, o surdo pode, afinal, afirmar sua identidade em meio à diferença, supervisionando a influência externa do Outro. Embora haja, naturalmente, um cruzamento de ideias afins – entre surdos e ouvintes, em especial –, a persistência daquilo tomado como distintivo ou peculiar é reforçado como símbolo cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao que se pode discernir das discussões empreendidas, a cultura se manifesta por meio da expressão sígnica, isto é, por meio da representação material. Nesse âmbito, não há uma palavra dissociada do seu meio de enunciação, e sim inerentes às práticas interativas nas quais os sujeitos se constituem. Quanto à escolha lexical por parte da comunidade surda, essa máxima bakhtiniana (BAKHTIN, 2011) se mantém. À medida em que, do ponto de vista estilístico, há uma predileção por um vocábulo em detrimento de outro, faz-se uma escolha de natureza política. Sendo assim, o sujeito se constrói nesse embate entre diferentes posicionamentos. Por um lado, sucumbe, por estar imerso em ações notadamente coercitivas; por outro, resiste, fazendo uso de forças centrífugas. Tais intentos se consolidam na uma tentativa de quebrar o monopólio da linguagem, dos modos convencionados de produção epistemológica.

Como se sabe, a Libras é considerada, ainda, como língua menor, e isso se compreende com base nos estudos do letramento (KLEIMAN, 2013). Por não possuir sistema gráfico largamente utilizado, tal como as línguas de modalidade oral-auditiva, acabam por perder espaço na arena epistemológica de publicação acadêmico-científica. Para além disso, rendem-se à imposição ideológica, por, não raras vezes, incorporarem elementos da língua portuguesa como uma forma de transpor supostos obstáculos semânticos. Essa ideia equivocada está assentada no mito de que as línguas de sinais são simplórias e incapazes de transmitirem o sentido exato daquilo que se quer manifestar – em outras palavras, não haveria capacidade de comunicar por meio de metáforas e estruturações sintáticas mais complexas.

Em decorrência desses mal-entendidos, a iniciativa do professor Antônio Cardoso constitui-se como uma estratégia de resistência discursiva. Na contemporaneidade, o registro de sinais ou mesmo a reformulação deles não é somente um ato passivo, é uma demarcação simbólica a qual repousa em princípios já esclarecidos. Esses valores referem-se à manutenção das culturas e tradições do povo surdo, a reformulação do aparato colonialista³ e a constituição de uma agenda epistemológica voltada ao saber local.

³ Colonialismo, nesse caso, como mesmo assevera Mignolo (), transpõe a ideia do sujeito europeu, e repousa nas relações de opressão vivenciadas pelos grupos de minoria. Por causa dessas relações construídas à base de exploração daqueles tomados como subalternos, urge usurpar esses espaços de poder, subvertendo as estruturas já cristalizadas.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- BAUMAN, Z. *Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- BRASIL. *Decreto 5.626*, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei n o 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- KLEIMAN, A. B. Agenda de pesquisa e ação em Linguística Aplicada: problematizações. In: MOITA-LOPES, L. P. (org.). *Linguística aplicada na modernidade recente: festschrift para Antonieta Celani*. São Paulo: Parábola, 2013.
- MOITA-LOPES, L. Linguística aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: MOITA-LOPES, L. (Org.). *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- PERLIN, G. Identidades Surdas. In: SKLIAR, C. (org.) *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Editora Mediação, 2013.
- QUADROS, R. *Libras*. São Paulo: Parábola, 2019.
- STROBEL, K. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.
- VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: Editora 34, 2017.